

SINGULAR E MÚLTIPLA: COMO UMA PROFESSORA-RIZOMA SE TORNA O QUE É?

Cláudia Madruga Cunha¹
claudiamcunha@ufpr.br

Resumo: Este ensaio, na expressão e no conteúdo, inspira-se em Nietzsche, mais objetivamente mapeia um Nietzsche que, entre outros autores, aflora nos textos de Deleuze. Tenta expressar de forma metafórica a aflição de um professor/a de filosofia que dá aulas para não filósofos. Ao tentar colocar em palavras o sentido desta ação, recorre a autores e às teorias que permitem dar conta desta afetação. Quer fugir de reproduzir um puro sem sentido ou *nonsense* que permeia a ação de uma professora de filosofia; escapar do utilitarismo do sentido numa espécie de encontro com a multiplicidade dele. Logo, ao se propor singular e múltipla - uma professora-rizoma se torna o que é, quando aponta para o trabalho de uma filosofia que pretende fazer-se afirmativa, criativa, artística que se povoa do novo no campo do filosófico.

Palavras-chave: Filosofia da diferença. Professora-rizoma. Multiplicidade. Singularidade. Professora de Filosofia

Abstract: This essay in expression and content is inspired by Nietzsche, more objectively it maps a Nietzsche who among other authors, emerges in the writings of Deleuze. It attempts to express metaphorically the affliction of a philosophy teacher who teaches to non-philosophers. When trying to put into words the meaning of this task, she resorts to authors and to theories which account for this condition. She wants to avoid reproducing the nonsense which permeates the action of a philosophy teacher; she wants to escape the utilitarianism of the sense in a kind of meeting with the multiplicity of it. She deals with the search process of the teacher-rhizome, a conceptual character who seeks to individuate or become what she is, and that search points to the pursuit of a singularity, in a teaching of philosophy permeated by themes and clichés!

Keywords: Philosophy of difference. Teacher-rizome. Multiplicity. Singularity. Teaching of philosophy

Uma professora de filosofia quer criar. Apartar-se a tudo que, vindo da filosofia, tende a apresentá-la numa tradição que a oferece murcha, sem vida, dentro dos limites de uma instituição que a aprisiona. Convenções que tornadas mundanas a propõe como um pensamento conciliado nas aparências do bem. Busca na filosofia, uma abertura às possibilidades do que ainda não veio. Almeja mutações advindas de um trabalho conceitual e que essas se façam sobre o imperativo da vida, numa imanência significada “entre-meios”. Círculos abertos e dobras que atualizam desejos, através dos caminhos da diferença.

Trabalha aulas como meio e trilhas, rizomas! Entre as coisas e nas coisas que percebe a possibilidade de encontro. Projeta articulações que fluem em várias direções, nas quais inclui o encontro do incorporal, que vem do afecto e do gosto, e, nesse evento, ativa percepções! Entre perceptíveis tenta dar expressão ao que faz, buscando possibilidades da criação no espaço educativo em que opera, com a filosofia, e fora dele. Movimentos convergentes, divergentes que se impõe de agora em agora, no curso do grande rio apontado por Heráclito como a passagem da passagem, do eterno fluxo mutante. Lê Nietzsche e Deleuze, autores que banhados nesse rio dão outro curso aos conceitos filosófico; e, numa espécie de decurso, permitem a alguém ser um entre-fluxo naquilo que vindo do filosófico não para de jorrar, escorrer por entre textos, livros, telas, salas de aulas, ambiente acadêmico, escolas.

Uma professora de filosofia seleciona conceitos, autores, filosofias para dar uma aula. Entretanto, sendo uma intérprete da filosofia já não se contenta em limpar e em raspar os ossos, tal como o faz o crítico e o historiador. Experimenta o pensamento como algo que vive e goza nos corpos o encontro com a terra. Nessa tendência, revisa sua prática que percebe esvaziada de carne, de emergência, de vida, de plenitude. Prática que a emoldura numa cena em que já não se reconhece, pois se tornou uma estranha, no que diz respeito ao plano que refere a este quadro. Mas o que pode realizar em tais aulas uma professora que almeja trabalhar o pensamento filosófico, se é fora delas que o pensar mesmo se mostra compulsivo?

Nietzsche (2003), pensando a educação, disse outrora que todos são timoratos e que se escondem atrás do costume e da opinião. O que fazer sob tais indícios? Uma professora quer dar novo sentido a sua experiência em aulas de filosofia, fecundando-as com aquilo que atravessa esse meio teórico? Como proporcionar um filosofar que usufrua os fluxos da superfície, as trilhas do vivido, as dobras da alma, o não imaginado, o que foi esquecido, o non sense que permeia tudo? Como superar o instituído, o convencional, o pressuposto que assegura um modelo e formato prévio para uma aula de filosofia? Como fazer da filosofia um exercício de pensamento que mais revela do que oculta o que vem da convenção?

Desafiada, busca num desvelo de pensar o pensamento, traduzir a ação de uma professora de filosofia que, sob os impulsos potencialmente singulares e múltiplos, interpreta e expressa o que lhe acontece entre os desejos de uma professora-rizoma. Efeitos que excedem em uma filosofia em aulas e que se realizam no manobrar um pulsar outro. Atividades da percepção que capturam o que se passa na abordagem do filosófico e naqueles que o laboram. Alguém separa o que se evidencia como repulsa, nas múltiplas interpretações temáticas que padronizam o encontro/desencontro entre o filosófico e o seu outro, até deixar ambos fenderem-se nas coisas que o reduzem e o plasnam!

Quer se expressar numa escrita que não ignora a tradição embora perca seus contornos, quando aborda a dimensão sucessiva ou concomitante do tempo. Ousa reunir o diferente ao que se passa em metamorfose, vindo da experiência, sem a dissolver. O que acontece envolve o recorte do tempo, mas não como uma vitamina efervescente que dilui os contornos de ser e do pensar como algo momentâneo. Torna-se complexo falar deste processo sem codificar esta que se autoriza a se tornar uma professora-rizoma! Como descrever sua ação sem que o prescrito se mostre algo virtualizado, plástico? Como dizer do que acontece ou se faz em aulas de filosofia sem, ao mesmo tempo, estar a fazer disto um modelo de lição filosófica? Não se ensina ou se aprende filosofia, apenas se sensibilizam ideias onde uma espécie de supra-experiência múltipla faz do pensar algo que se apresenta numa leitura!

O ato de interpretar faz uso de uma força que, vinda do filosófico, às vezes se torna imperceptível a ele. Tal atividade, por vezes, torna ilegíveis elementos vindos da tradição, os que rodam uma leitura diferenciadora no tempo, em que o trabalho filosófico adquire seu sobrevo e se mostra ou não imagem e movimento. São retornos de um pensamento ulterior que o atravessa. O filosófico na expressão deleuziano/nietzscheano produz filhos pelas costas e não se preocupa em legitimá-los (DELEUZE, 1992).

Uma professora de filosofia vê-se um dia convocada a se desinocentar para qualificar aquilo que faz, a desintoxicar-se da salvação ética do sujeito. Embora sua sala de aula se mostre o lugar que convoca ao risco de esvaziar do tangível, também é nesse meio que sofre tal deslocamento, o que eleva o pensar a uma duplicidade para além de si. Nesse entorno, um entendimento representado pode

retornar numa ação outra, como flecha. Dado a ser o rasgo ou a ruptura que desafia aquele que ensina filosofia, empareda-o por meio da diferença que sai ou se origina de si. Esta professora cuja educação a ensinou a identificar e a codificar o pensar sob uma filosofia-tradição, analisa sua aula como um espaço de intersecção, constantemente movida por um apelo que vem de fora. Tenta inutilmente resistir à vida que a interpela, sucumbe sem resistir à pergunta, pelo sentido do que faz!

1 Composição e decomposição nas aulas de filosofia

Entre muitas perguntas e poucas respostas, resta o desafio de interromper tudo, para um novo recomeço. Criar o incriado, revisar os fragmentos dispersos, os que na distração foram abandonados nesse meio que se reinventa. Eis a amarga tarefa! Trabalho que inclui a perda do antigo mirante, desamparo que vem da ausência dos antigos horizontes teóricos, sob os quais antes verticalizava toda uma estrutura para suporte da cognição. Provocada, tal um barqueiro sem mar, coloca-se dona de um invento, cuja finalidade o acaso roubou de si, quando percebe que pode ser tragada pelo endereçamento do pensar, na meta do desejo que esse ato oculta. Vê-se recortada por fragmentos do pensar, dispersos ao acaso, em uma sala de aula de filosofia.

Ao se fazer de seu meio algo que ativa o filosófico, insiste em reunir os fios do acaso. Quer trançá-los num tear outro! Nessa mobilidade própria, almeja fazer-se unidade múltipla em que um pensar brinca com os dados num duplo efeito mutante de uma filosofia e de uma não-filosofia. Entre estas enseja acolher deformações que, vindas do acaso, resgatam o inatural que se fecunda entre ambas. A filosofia precisa da não-filosofia para se reinventar, mas quem operará a dispersão destes efeitos, movimentos que surgem quando o meio filosófico é fragmentado pelo que não é dele? Plano que só funciona se se inserem os cortes que selecionam o que deve ser ou não atualizado.

Uma professora de filosofia torna-se uma intercessora da filosofia, e faz de seu afeto pelo filosófico algo seletivo. Transforma-se no e pelo pensamento, ao exercer a ruptura do mesmo no mesmo, ao mostrar que a ruptura se mostra desejada (DELEUZE, 2003). Retalha-se disposta a ruptura sob o entendimento mínimo que aponta para o plano filosófico como meio movediço e mutante. O que

faz da professora de filosofia alguém que trabalha a filosofia e já não é filósofa, e sim artista! Um dançarino de pés ligeiros e equilibrista sob um solo móvel e escorregadio; um personagem e professora-rizoma que opera nesse meio e o faz sem qualquer compensação. Movimenta retalhos e novos cortes, fragmentos de uma filosofia ofertada sob uma dispersão que busca o singular e se dirige na maioria das vezes a não-filósofos.

Nessa ação não confunde o arranjo que instala vindo de uma filosofia e uma não-filosofia, com o afecto. Pois este último, interceptador do experimento, é aquele que o informa no mesmo ato. A professora-rizoma é intercessora de uma atividade pedagógica que faz de si um estado de abertura e dispersão. Ao despertar o criativo nesse meio, aproxima-se da arte. Suportando optar por uma dispersão e por algo que nem sempre controla, anima-se refém da tarefa pedagógica. O pedagógico aqui fecundado pela arte e vice-versa, reúne-se a filosofia numa dispersão em outras imagens possíveis. Entre a teoria e as coisas que passam nesse meio que se ativa, precipita-se um projeto num território móvel. Mestre tornada meio, que avança escorregando em solo movediço. Sob esta condição, dá tratos a sua inquietação.

Acolhe e dispersa, naquilo que faz passagem, uma seleção de filósofos e suas filosofias. Tenta traduzir o abismo de uma prática desencantada, antes emoldurada nos retratos de uma filosofia da representação. São autores que permitem sobrevida e plasticidade a uma aula em que essa profissional se vê personagem, e não almeja padecer dos excessos de arborescência vinda de outros conteúdos da filosofia.

Eis como a professora-rizoma se torna o aquilo que é? Meio que foge à codificação e se dispõe a operar composições, nas quais o próprio desencanto retorna como uma filosofia afirmativa, criativa, artística e arteira! Mestre/meio que salta sem temor a terrenos alheios para povoá-los do novo. Intercessora do que vem do filosófico, mediadora do que lhe é alheio, almeja uma filosofia que não quer discutir, mas afectar. Sem sucumbir a desafetos, labora e manobra a filosofia, utiliza-a como atualização que implica fazer, do seu estado vivo, arte.

Prepara aulas dispondo de um plano no qual afecta e se percebe afectada pelo mundo a sua volta. Por um mundo Humano que se reporta tal corda suspensa no abismo. Em frente do horizonte de rostos, desconhece-se como ordem inventada. No relance de um olhar, destaca-se o cenário quadrangular de uma aula, que parece reduzir tudo a meia volta e meia. Circulo que não se completa quando se impõe ao quadro, pois vem de uma retrospecção, não a leva senão ao nada e até mesmo pede o abandono daquilo que foi outrora o sujeito moderno. O plano filosófico mostra-se aberto, dobrado e fendido. Convivendo no panorama institucional que solicita organização, a mestre revela-se direccionada à organicidade, indo ao encontro de um conhecimento que pretende ter algo a dizer.

Uma aula, um evento, uma rotinização do tempo cujo cronômetro quebrou. Plasticidade em que sons que repetem uma programação temporal, relógio-ponto, sineta, buzina; melodias dos intervalos, algo que comunica um mundo. O rugido medido, tudo doença de um tempo, que permite na repetição atualizar-se em elementos infinitamente pequenos. Leibniz prediz em Deleuze (1991) que a dedução do mundo só é possível por meio de seus representantes. Pequenas percepções sem objeto e micro percepções alucinatórias, como se cada coisa percebida se fizesse capturável por um fundo, que se constitui por infinitas dobras. Raro poder dizer que toda aula é uma experiência sempre em composição ou decomposição em que a passagem de micropercepções, ao modo de representantes do mundo, revela as pequenas dobras em todos os sentidos.

2 Pequenas percepções

Numa aula, entre o preparado antecipadamente e o espontâneo vindo da reunião das gentes, uma professora aconchega coisas pendentes, que implicam a pausa e a retomada das pequenas ideias ou percepções. Estas se mostram ora claras, ora obscuras e, na maioria das vezes, confusas para os que são aprendizes da filosofia. Difusa, se poderia dizer, quando se assoma a algo denso que recorre a alternativas que generalizam uma compreensão que incluem pressupostos, na composição de uma macropercepção. Será o mundo dedutível por uma consciência? Esta questão pesa sobre uma

professora de filosofia. O filosófico seria uma espécie de composição, na qual se decompõe a realidade para poder entender sua complexidade?

Pode a filosofia contribuir para uma captura do real, indo de encontro ao desvendamento do concreto e do que nele se inclui? Tudo indica que o relevante ou o singular, vindo do plano filosófico, tende a amparar uma consciência que se atualizada numa convergência dispersiva, quando move conceitos e seus significantes e os prolonga e os diferencia no tempo!

Conforme Leibniz, “as pequenas percepções são não apenas a passagem de uma percepção, como são também os componentes de cada percepção” (DELEUZE, 1991, p.148). Não será sutil demais mostrar o filosófico como algo que se reveste de uma ação, que inclui o poder dizer de uma regularidade e do como se ensina a perceber o mundo por ideias. Entendendo que estas são componentes do mundo como micropartículas, é de se dizer que elas são e não são algo que advém de fora do meio que as implica. Constate-se que uma sutileza leibniziana sugere que tais micropartículas possam compor e construir amarras, sob as quais um cotidiano se repete. Mas isso não seria proteger o mundo do sombrio e do acaso, encobrando o sofrimento pela criação de uma ilusão?

Leibniz e Nietzsche são perspectivistas (DELEUZE, 1991, p.40)! O que evidencia que há um ponto de vista relativo, sob o qual se pode analisar o mundo. Mais que isso, o perspectivismo em ambos comunga certa crítica à modernidade, quando busca superar a imposição de um dualismo que separa cultura e natureza, embora a individuação, para Nietzsche, implique em dois princípios simultâneos: o apolíneo e o dionisíaco, em que o primeiro dá conta da forma perfeita, buscada para manifestar a aparência; forma que oculta o lado sombrio e tenebroso da vida. O segundo princípio insinua certo estado “demasiado humano”, animal e animado, e remete a matéria ou *hibrys* e as pulsões da carne ou dionisíacas, aos sentimentos, etc; estes fendem a razão do indivíduo e o fragmentam e o desintegram a todo o momento, no reflexo de uma consciência de si. Em Nietzsche a desintegração do indivíduo, pressuposta como parte ou momento da individuação, apela para o trágico no redimensionar a tragédia, antes grega, e a propô-la como o avanço de uma cultura, artifício que não se separa do humano quando o espia em suas imperfeições e suas dores. O cenário trágico possibilita

a superação da individualidade como divisão da unidade, aquela que se fragmenta e, na entoação do eterno retorno, pode voltar a se reunir.

Seria a professora-rizoma uma unidade que, cindida entre o bem e o mal, propõe-se aberta ao trágico. Ao operar certa filosofia em sala de aula, acalenta e disfarça a fragilidade que torna a todos humanos? Quando assume o conceito rizoma e o incorpora a docência da filosofia, na tentativa de expressar certa ausência de anterioridade entre as coisas que se movem no filosófico, estaria a superar uma espécie de carência, que vinda da falta de fecundação contingente, sublima o imaterial no que é material? Querendo convidar o que é vivo para sua classe de filosofia, almeja revelar outra estética; certo empirismo transcendental, que tende a exercitar fluxos de pensamento numa manobra que dá vazão ao meio filosófico.

Nietzsche dá à individuação o componente da sonoridade, quando os elementos deste princípio se reúnem e se dispersam. Já Leibniz vai acrescentar a independência do interior e do exterior em um mesmo processo, em que o material e o imaterial no pensamento se comunicam numa vibração que se dobra infinitamente. Como pode um personagem fecundar esse meio onde determinado tom ronda o campo conceitual, fazendo dele uma dobra que de dobra em dobra vai infinito? Assistida pelos contornos dos rostos, peles, superfícies; pelo fora; pelas dobras no corpo e na alma, sua aula vai de dobra em dobra, convocando uma ressonância múltipla das mônada-nômades. Eis a professora-rizoma fazendo de si e do seu filosófico a multiplicação do sentido, ao multiplicar o uso dos conceitos filosóficos.

A disposição de dobra lhe permite outros arranjos. Pés-ligeiros, que dançam noutra tom para melhorar o humor de Nietzsche, cuja expectativa do acaso só ressoa no eterno retorno, se as cordas do infinito estiverem bem afinadas. São movimentos do pensamento filosófico que dobram à procura da composição do seu conceito, num deslocamento de elementos que o conduzem para além de uma teoria do conhecimento, para além de um encontro de Nietzsche. A perspectiva trágica nietzscheana não basta para Deleuze afirmar o encontro entre filosofia e arte. Desde “A dobra: Leibniz e o barroco” (1991) é como se a própria tragédia do conceito fosse arraigando elementos para se dissuadir de uma teoria da busca da verdade.

A sala de aula já não trata de ser um cosmos, mas de ser um *mundus* onde um personagem se vê capturável nas pequenas dobraduras, as que dizem de um vivido que conecta, ou não, percepções precedentes daquilo que lhe advém. Eis uma saída para as lições de filosofia, aceitar o vínculo entre as dobras e os drapeados, mapeando um encontro com a individuação! Revelar as dobras e os drapeados para dar conta da complexidade do mundo pede não esquecer-se de distinguir a diferenciação das percepções possíveis. O filosófico se faz ponto de intercessão, e, sendo múltiplo, entranha a própria percepção e seus apetites; entranha o que se passa na percepção e em seu meio, sendo esse uma inclinação ora instável ora não!

Sob tal prisma tem-se que uma pequena percepção encontra apoio em uma razão metafísica e psicológica. A primeira razão entende como a percepção que expressa um mundo infinito que a inclui; a segunda faz dela o que compete a cada coisa percebida, implicando-a com o já consciente. Este entendimento indica que a própria consciência gera e dá finalidade à infinidade de pequenas percepções; diz, também, que ela as prepara e as compõem numa nova possibilidade.

Buscar o singular direciona revestir-se de outra forma ou superfície, tende a interstícios que tramam com o mundo revelado nos mínimos de captura; também revela o que vai para além da materialidade das coisas, no encontro com a fugacidade delas, tal uma investigação aberta! Se nada existe além dos contornos da superfície, uma professora-rizoma, ao se deixar penetrar pelo mundo das coisas e dos acontecimentos, extrai pequenas percepções que serão representações do mundo no seu eu finito e num ponto ou unidade; visa abarcar o fruto das relações com o entendimento infinito. Contudo, esse caminho é frágil. Quando o infinito se atualiza junto com um eu finito, se retoma com Leibniz (2000) as distinções cartesianas do obscuro-claro-confuso-distinto. Cabe na proposta de uma filosofia leibniziana mover passagens entre o claro e o escuro; isto é, compete-lhe trabalhar conceitos ou dobrá-los, redobrá-los em infinitas dobras.

3 Eterno Individualar ou monadologia-nômade?

A monadologia permite explicitar uma energia entre o dentro e o fora, quando enfim alcança certa comunicação entre a matéria e o imaterial que a compõem. Operar a diferença e afirmar-se algo singular desafia uma professora! Impõe que focar o real, por múltiplas perspectivas, também combina com explicitá-lo de um modo novo. Numa analogia perspectivas e mônadas estão por toda parte! Porém nunca são cada uma delas, parte de um todo. Leibniz faz do concreto algo vibrante e vazado; quando fala das pequenas percepções e as dimensiona como poeira do mundo; mundo que, incluído em cada uma delas, forma a poeira de um fundo sombrio.

Esta cisão entre o dentro e o fora, caracteriza o barroco e declara a presença das percepções, na compreensão de que é percebido. De onde importa dizer que sob tal captura o mesmo diz do mesmo, indo de uma dobra em outra dobra, e, nestas séries, é atualizado diferente. Tal passagem de um estado a outro tende a acontecer no privilégio das relações diferenciais, numa monadologia que, vinda de Leibniz (2000), permite percepções exclusivas sob as quais subsiste uma infinidade de pequenas percepções. Pondere-se que estas últimas, sendo efeitos, não chegam a entrar em uma relação que impossibilite outras maiores ou menores percepções.

Quer uma professora-rizoma de filosofia se propor singular, quer tornar-se aquilo que é? Quer afirmar a capacidade de ser facilitadora do campo filosófico, quando no uso seletivo dos conceitos e das teorias apresenta a possibilidade da expressão de novos efeitos. Uso que envolve a percepção e que torna exequível ao pensamento a ação criadora e singular. Atuar sob esta perspectiva implica numa exposição ao trágico, que o pensamento também se mostre criação. Mas a criação em sentido deleuziano exige do pensamento um papel de filtro, de uma infinidade de filtros, em que o pensar separa o relevante do regular para obter certa singularidade advinda de uma percepção que nem tem objeto!

O filosófico encarnando na professora faz dela uma unidade fragmentária ou meio móvel. Expõe certa falibilidade no ensino de filosofia, ensino que, no se dirigir para filósofos e não-filósofos, não encontra finalidade ou medida! Uma intenção move o que vem da filosofia e a dispõe como campo

ou território múltiplo. O que a leva a concluir que a apreensão do ensino da filosofia por outros campos pode se mostrar algo irreversível.

4 O dentro e o fora da individuação do múltiplo

A arte no barroco correlaciona o dentro e o fora, o interior e o exterior. Busca-se entender como o barroco ou arte tornam-se campo do “socius”, e um/uns personagem/ens pode ser esculturado na paisagem da sala de aula. Imagens compõem e decompõe o cotidiano de uma escola onde se emoldura uma professora, uma que saída do fundo sem fundo de uma unidade múltipla se pergunta se pode um devir-professora e um devir-rizoma dobrarem-se no conceito do filosófico? Leibniz (*apud* DELEUZE, 1991) dirá que o “conchetto” é uma ponte porque está dobrado no sujeito individual; tanto no que refere a este como unidade pessoal, que reúne em si diversas proposições, como também no modo como projeta as imagens de um ciclo ou de uma série.

O objeto sensível é transformado numa série de figuras ou de aspectos submetidos a uma lei de continuidade e sinalizam acontecimentos que correspondem a aspectos figurados nos quais se inscrevem proposições. O humano predica o mundo fazendo dele seu objeto. Porém, a predicação das proposições por um sujeito individual, mesmo contendo o conceito, tende a se definir por um ponto de vista. Isso quer dizer que não há uma interioridade do conceito que assegure a anterioridade do indivíduo por um princípio indiscernível.

De onde previamente se conclui que tudo que existe pode ser resumido numa tríade que inclui cenografias, definições e pontos de vista. Mas, a consequência importante que daí decorre implica em que “sendo o uno unidade do múltiplo, no sentido subjetivo, deve também haver multiplicidade do uno e unidade do múltiplo, desta vez em sentido objetivo” (DELEUZE, 1991, p.212). O que parece subentender a um ciclo as relações do tipo uno-múltiplo e múltiplo-uno, as que são completadas por um uno-uno e um múltiplo-múltiplo.

Cabe a professora-rizoma perfazer, sob um caráter distributivo, algo em torno de uma unidade individual, na sua ação intercessora, para que não disperse no grupo com o qual trabalha o cada-um de

seus alunos. Ao contrário, sugere-se que alimente esse meio e o caráter coletivo dessa unidade composta, cuja forma se apresenta como a multidão ou o amontoado; mas não o é! O amontoado é um todo, um tudo junto para o qual sempre poderá haver a reversão. Logo, pode-se entender que o múltiplo pode pertencer à unidade distributiva, como também à unidade coletiva. Vale considerar, que Leibniz, ao assinar o mundo com sua fórmula da “Monadologia” (DELEUZE, 1991), não mais o entende como um símbolo do cosmos à moda antiga, mas sob os acordes e os desacordes de um mundo “caosmos”. Essa compreensão aponta a realidade como algo constituído por séries divergentes, nela o jogo de dados substitui o jogo do Pleno. Caso em que, numa captura transitória, pode-se dizer que “uma professora-rizoma se torna aquilo que ela é!” quando realiza ações que podem ser deduzidas de uma simbologia, as que ultrapassam a ordem em direção à desordem.

5 Pedagogia do conceito

Será uma aula de filosofia um conjunto de ressonância e dissonâncias? Como se pode exercer uma intercessão pedagógica onde conceito é o filosófico, meio trabalhado na percepção da diferença e na singularidade do múltiplo? O que fazer com o filosófico que instrumentaliza o conceito do conceito e é fecundado por ele, ao modo de uma dobra que se desdobra? Deleuze diz que no barroco Leibniz dá conta da individuação do conceito do conceito apontando uma composição que, sob três características precedentes, “a descrição toma o lugar do objeto, o conceito torna-se narrativo e o sujeito, ponto de vista, torna-se sujeito da enunciação”. Assim, a teoria da monadologia apropria-se da existência e, de antemão, de uma harmonia perfeita, o que faz dela um bom projeto, ainda que permaneça nisso um fundo metafísico. Ora não dá negar que por meio desta teoria se pode subsidiar, em muitos aspectos, a criação do conceito e a possibilidade de trabalhar com ele de outro modo.

A filosofia como matéria em movimento, no seu funcionamento filosófico, parece-se uma mônada, algo que produz acordes/desacordes. A força viva que vem dos conceitos filosóficos e encarna nos corpos se faz e se desfaz, transformando-os uns em outros ou outros em si mesmos. Fenômeno que acontece sem tender com isso a uma resolução e sem realizar nesse meio uma

modulação. Os não-filósofos são multiplicidade e multiplicidades, que se afetam e despersonalizam um corpo sem órgãos a ser formado/informado; e, no ponto mais alto dessa despersonalização, alguém dizer de ser ou querer ser nomeado. Isso pede uma mínima discernibilidade intensa e uma apreensão instantânea dos múltiplos, nos quais algo ou alguém se faz pensamento e o pensado do pensamento, pertencendo nessa performance a um múltiplo aberto; que adere como corpo e a corporeidade, uma que cada um passa ou percebe no transpassar de tantos corpos em cada um. Pensar é força e fluxo, vibração de sonoridades adentrando e saindo, exalando nos e entre corpos!

Uma aula procura uma harmonia na virtude da expressão e do expressante! Um dado geral nela exposto pode vir a se tornar um caso filosófico. Episódio sob o qual algo que resulta em harmonia vertical e, num acordo/desacordo de linhas horizontais, impõe-se melodicamente. Encanto e desencantos que a manobram o filosófico e seus elementos. Filosófica aula, em que conceitos querem virar concertos, entoações e vibrações!

O conceito de rizoma imbricado como devir permite uma ruptura, uma linha de fuga que não protege os que com ele operam do risco reencontrar organizações. E estas, possibilitem reestratificações e, no seu conjunto, formações, que, dando poder a um que significativo, pode atribuir uma reconstituição de um sujeito. Nesse meio tudo é possível, desde ressurgências edipianas até concreções fascistas. Fugindo a pressuposições prévias, o rizoma convoca uma seleção ativa e temporária quando ativa para além do bem e do mal, do feminino e do masculino, desta ou daquela hora, deste ou naquele lugar, um eterno recomeço do começo intemporal!

6 Multiplicidades arborescentes e rizomáticas

No “O que é filosofia?” Deleuze e Guattari (1992) afirmam a filosofia como arte de criar conceitos, sendo que o que se expressa nessa obra, afinal, é uma definição do conceito. Porque essa necessidade de definir e redefinir o que é um conceito? Como se dá essa proximidade do conceito com a arte, destituído de uma pedagogia ou de uma ontologia próprias à filosofia. O conceito revela-se como aquilo que uma vez criado se põe nele mesmo e, com outros conceitos, de tal forma que sua

criação e sua autopoisição correspondem a uma idealidade e a uma realidade. Nele o real não é atual nem o ideal é abstrato, pois o conceito cativa algo trágico que envolve mais uma estética do que uma ética.

Para escapar de ser reduzido a pré-determinação, assim como as tragédias precisam de um intérprete ou de uma força viva que as ative, o conceito necessita de um interventor. Este último, não será mais que um pedreiro, alguém que bate o martelo tendendo a ser construtivista, desmonta para montar o novo no que existe; propõe um tom que reúne o absoluto e o relativo no momento de um mesmo acontecimento, do qual é parte. Um conceito é vibração, ressonância, totalidades fragmentárias de contornos irregulares.

Retomando Leibniz (*apud* DELEUZE, 1991), o conceito é definido por sua consistência, endoconsistência e exo-consistência. Sendo auto-referencial “põe a si mesmo e põe seu objeto”, ao mesmo tempo em que é criado. Interpretando Leibniz, por Deleuze (1991), vai destacar que nem as grandes nem as pequenas percepções possuem objeto ou remetem a algo físico. Perceber é sempre nas dobras um desdobrar de outras dobras, entre duas dobras a outra dobra e, assim, sucessivamente. Será nesse momento teórico que se pode compreender que da percepção se chega a um corpo orgânico. Caminho conduzido por uma necessidade implícita no conceito que precisa de um personagem, de uma força ativa que o engendre como o percebido e a unidade do percebido numa mônada ou num plano; que também, resgate o que há de imaterial e que se desprende da matéria, quando engendra o fora dela, naquilo que é o fora de percepções que vem dela, num estado entre dois mundos comunicantes. Logo, algo na percepção a remete à criação e à atividade conceitual!

7 O visível e o invisível das coisas

Uma multiplicidade pode ser micro ou macromultiplicidade, organização que sob certo aspecto conduz a multiplicidades, extensivas, divisíveis e molares; unificáveis, totalizáveis, organizáveis; conscientes ou pré-conscientes; por “outro lado, as multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas, constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza,

distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer e desfazer-se, comunicando, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.46). Uma multiplicidade rizomática é composta por elementos que são partículas, que se correlaciona como distâncias, seu movimento se dá em todas as direções, suas quantidades são diferenças de intensidade.

Deleuze resgata de Canetti dois tipos de multiplicidade que, tanto às vezes se opõe, como às vezes se penetram, são a organização de massa e a disposição de matilha (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.46/47). O que caracteriza uma multiplicidade de massa são a grande quantidade, a divisibilidade e a igualdade dos membros, a concentração, a socialização do conjunto, a remissão a uma unidade hierárquica, a territorialização que, por si mesma, agrega signos; já a multiplicidade de matilha é produto da exiguidade ou restrição do número, em que a dispersão se dá a distâncias invariáveis indecomponíveis ao modo de metamorfoses qualitativas. Esta por fim, surgem das desigualdades dos restos ou das ultrapassagens e impossibilitam uma totalização ou hierarquização fixas, assim como a variedade de sua direção se faz de linhas de desterritorialização ou produto de partículas.

Uma professora-rizoma reporta-se à vaga entre o descanso e o descaso. Entendendo-se articuladora do meio filosófico é espaço aberto e exposto à intempérie invisível da vida. Sendo perspectivista é um entre-lugar, diferença, e metamorfose ambulante. Entre o solo e o subsolo e para além do solo, como um produto de se propõe de rotulo vencido desde o começo, na temporalidade de sua postura que não alarga a sobrevivência do velho em busca do novo. Quer apenas cortar a tríade; fragmentar o que não reconhece como passado, presente, futuro; fagulhar o tempo, que na duração do instante atesta apenas o porvir do múltiplo.

Nesse sentido, faz uso do conceito rizoma ao se propor como um plano onde espaço e tempo são fragmentos que o atravessam tal um uno múltiplo, numa vaga cuja unidade não comunica nem porta uma direção, é seta ao vento num caminho sem predefinição. A professora-rizoma, como conceito interceptado, articula possibilidades habitáveis no desenho de um folhado esburacado, território no qual não passa nenhum sujeito ou objeto, mas uma superposição de relações de superfície

que retornam na sua força, o absoluto e o relativo, nessa potência ativa. Sendo um absoluto que comporta o que é relativo e fragmentário, esta personagem, numa sala de aula, arrisca-se de chefe da matilha, arriscando desse modo tudo. Quando propõe conhecimentos ou conceitos, experimenta-os ao modo de um meio que se move em si, infinitamente, sendo plano, vazio e horizontal.

Sendo sua posição um perfil entre outros foge a qualquer orquestração de causa e efeito. Como chefe de grupo, quer consolidar ou capitalizar aquisições. Sendo parte de uma matilha, deseja permanecer o que ela é, atividade singular e não modelar, estando entre outros. De perspectivas entre perspectivas, almeja atualizar diferenças, de modo a possibilitar que a criação atualize o que é seu conceito em produto do produto. Ato de um exercício nômade, tal devir-animal, devir-humano, devir-feminino (CUNHA, 2002). Desbobrado de um devir-professor é o que vem de alguém que passa e é passagem, que prepara molecularidades numa extensão molar, enquanto advento de meio ou massa informe é o que passa de um a outro indivíduo qualquer.

Tal mestre, professora-rizoma, uma tela de palavras, de imagens, de textos e de teorias, na exposição de sua filosofia, fala desde um tempo que é múltiplo; ainda, que a máquina conectada na sala redefine o tempo todo se este lugar é morada ou não da inconstância na presença semestral dos alunos. Expõe um projeto filosófico sem poder dizer que aqueles que o aderem são, de modo pré-explicitado, novas conveniências, convivências, encontros! Ou quem sabe variedades, que poderão propor e possibilitar outras conexões multiplicáveis. Tudo o que se diz de uma consciência, desde os vazios inconscientes implicados no seu excesso de disposição de tornar o imaterial uma ação, pode contribuir para explicitar o conceito que vindo dela potencializa-se numa ideia quando a atravessa?

Consciência e conceito estão numa correlação recíproca e, desde Leibniz, numa relação virtual e não real. E o virtual é sempre o possível, sendo que o possível não chega a ser real. Quem habita o conceito como consciência, quem o povoa? O personagem conceitual entre meios e paisagens que andam em busca de um clarão. Quer libertar o que lhe passa, mas o conceito comporta um atravessamento, em que uma “compreensão filosófica, não é insuficiente nem provisória, é uma das duas metades, é uma das duas asas” (DELEUZE, 1992, p. 175); a outra que o equilibra, implica em uma não-filosofia.

8 Metaestabilidade o complicado do individuar-se

Propor o fora pode ser tão complicado quanto afirmar que as relações, imbuídas no conceito, são exteriores a seus termos. É preciso o exercício de um empirismo superior que dê conta de algumas insuficiências, que descortinam o mundo da exterioridade e, ao mesmo tempo, permita um ultrapassamento onde o tecido conjuntivo que sustenta conceito o faça, como ruptura com o verbo ser. Só por essa, ou nessa permissão, fica, atraído e possibilitado, o extrato rizomático. As multiplicidades, para Deleuze (2003), são possíveis, e isso favorece a professora-rizoma. Por outro lado, como acionar um exercício empírico, dito superior, no qual se utilizam forças subversivas, quando as próprias forças envolvidas na singularidade de uma experiência nada mais são que partículas? Como fazer de uma ação-fluida um permitir, um descobrir, um descortinar o múltiplo, como múltiplos-fluxos? Exercício empírico que destoa da tradição, ainda que se constitua pela exploração de algumas de suas partes.

Como a unidade individual ou pré-individual se dispersa e reúne no acontecimento singularidades pré-individuais, que expressam o campo empírico-transcendental, onde essas se redistribuem, na sua virtualidade, ou no modo do acontecimento, para poder tecer o problemático? Individuar-se não seria anelar pessoa a pessoa e, também, a natureza alheada, inamistosa e subjugada, num retorno que concilia e celebra na festa o filho perdido, diria Nietzsche? Quem era o filho perdido? O uno-primordial, o eterno padecente que, no anelo da aparência, sustenta uma contradição plena que permite um não existente como um ininterrupto vir-a-ser no tempo; movimento que produz em outros termos, o espaço e a causalidade como realidade empírica. Não!

Também, individuar não era “conhecer a si mesmo”, recorrer ao Oráculo de Delfos como queria Sócrates. Muito menos era pensar e depois existir como queria Descartes. Não se trata de desamor, nem de desafeto por aquilo que se mostra ou faz, nesses tempos funcionalistas, mas individuar-se não podia ser aquilo que forma alguém por fora. Capa, cobertura, invólucro que forma a arte do inteligível, como criticava Nietzsche, onde “tudo deve ser consciente para ser bom” (1992, p. 83). Andar por aí, com um cartão pendurado, pesar por vários cartões que subtendem redes de consumo e poder no bolso; o tempo todo, identificação por número; pasta, livros, celular, tudo amarrado, coisa prévia e dada, desde o externo; presas de um maquinador que embute qualificações prévias, pré-datadas.

Entretanto, funciona se mantiver de tudo o controle. Teatro capitalista! “Que força demoníaca é essa que se atreve a derramar na poeira a bebida mágica?” (NIETZSCHE, 1992, p. 85). Individualizar-se tinha que ser outra coisa e isso incomoda uma professora-rizoma.

9 Multiplicidade singular e a individuação de Simondon

Deleuze busca em Nietzsche uma atuação de princípios e conceitos plásticos ou em metamorfose, “denominação que lhes é atribuída porque, para não serem meras generalidades, precisam determinar a si próprios com aquilo que eles procuram determinar” (ORLANDI, 2003). Aqui o empirismo transcendental de Deleuze mostra sua incógnita. Pois a individuação como princípio é genética e não princípio de reflexão. Logo, a individuação não é coextensiva ao ser, ela é um momento em que não é todo o ser nem o primeiro. Para Deleuze (2006), a individuação é algo situável e determinável em relação ao ser. Individualizar-se se mostra como um momento, uma ação no qual o pré-individual passa a indivíduo. Este estado pré-individual remete a algo que é singular sem ser individual; é concomitante, diferença, disparidade, disparação. Desse modo, Deleuze (2006) irá dizer que se há um princípio de individuação em Simondon a ser aceito, este deve ser compreendido como um sistema metatestável, em que o próprio princípio é pré-individual (p.118). Portanto, tal princípio seria uma referência à estrutura e não síntese de um processo aberto e sem conclusão, que coloca ou dispõe das singularidades como potência de disparidade, de disparação, de diferença de um momento que se efetiva do heterogêneo como pré-individual ou transindividual.

Aparte das querelas ontogenéticas dos filósofos fala-se aqui de uma professora cujo ser nunca é uno, nem pré-individual, nem sua individuação é sobreposta a outros sentidos que, em seu meio de risco, fazem dela alguém complexo e meta-estável. Uma professora-rizoma é, portanto, alguém que sobrepe partes sobre partes para dar conta em uma aula nesse plano que lhe acontece. Sendo meio múltiplo e polifasado, pode ser vista como um entrelaçamento de devires que, abertos, ficam dispostos a novas formações. Tal abertura em devir se opera em folhado esburacado e se revela em fases sobrepostas. Séries que no sentido leibnaziano se conduzem e repetem, na disposição de um

movimento ressonante, uma tendência que entrelaça, costura teoria e obra do acaso, espiralmente ao infinito. Trabalho que se faz entre frestas sob o corte e o risco que traz o novo na ação da professora que se dispõe a atividades que garantam a sobrevivência de uma classe, de uma vida de professora de filosofia, para não filósofos.

Por fim, é dos perceptos e dos afectos que o conceito rizoma cria seus anéis num composto metaestável, numa dimensão metaestética, campo em que uma professora opera conceitos, pensamentos, teorias, move um meio filosófico. Sem retirar-se do meio deles, do entre-eles ou de uma analogia de opostos. Esta se faz personagem, um entre-perceptos-e-afectos, e nesse contexto gera seu território, sua singularidade. Lugar onde não se encontram diferenças de natureza para formar outra coisa, mas diferença pura, sem retorno, do experimento à experiência. O novo que desloca numa afluência de elementos, algo que se agita e se dirige ao nunca antes na imanência de uma vida de uma professora. Muitos pedaços reunidos nessa feitura que quer deixar de fora a totalidade, engenho de fazer-se rizoma. Sem dia e sem noite, entre manhãs.

10 O que afinal é individuar-se?

Não era estar na sala de aula, na biblioteca ou fora dela, enfiada nos livros em casa, no mundo, na rua, na praça. Individuar não é se esconder, camuflar-se, libertar-se por reza ou princípios. Individuar como “in-devir”, estado de devir, algo que quer passagem, alguma coisa em alguém que se deixa mudar, movimentar, acontecer, metamorfoses de modo imperceptível. Revisar o lado Apolo, deus da forma, devoto da aparência, perfil que se extirpava do sujeito de uma professora-rizoma, perspectiva que rompia com a rede metafísica; desfazer-se com o contraditório ligado à paternidade de todas as coisas, no Uno-primordial, extraí-lo como coisa que deixa de ter função.

Uma unidade fragmentária, dionisíaca, decaída como um céu que engendra e sustenta coisas nas quais alguém já não se reconhece. Algo se esvaía, fugia pelo buraco do assoalho onde, na sua passagem, entre sombras e contornos, não havia mais pertença. Por fim, individuar-se era um correr de si escorregando na própria tendência de estar em si como um estado evadido, perdido, esgotado,

leviano e leve, de tal modo que todas as direções, e não apenas uma única era a sua. Múltipla, que possa eleger um Deus, lugar, ideal, filósofo e possa trocar, trair, esquecer, repensar e amar ou eleger de novo aquele mesmo; e, quem sabe, ao mesmo tempo, um outro, sendo-lhe fiel, apenas enquanto dura, enquanto vale aquele envolvimento, como força afirmativa.

Uma professora-rizoma feito um dado jogado na mesa de vidro, faz-se acaso e já não é um desconhecido. Apregoa, como perspectiva, uma narrativa que faz dela alguém que é meio no personagem que inventa. Nesse cenário, alguém se pulveriza de uma visão ora redentora, ora contemplativa, as que dadas na reminiscência mostram o que há por detrás de todo um mundo do tormento. Visões que suspendem na eternidade um espaço intenso e o estende na medida de outro; outrem que é a parte que se esvazia em função do todo.

Impessoal, sim! Indo de dobras em dobra numa ressonância múltipla e infinita. Num ato puro que se faz desde as entranhas da criação, nunca o mesmo. Nada de ser pessoa, conceito abençoado por Santo Agostinho, como o dado de um significado único, também, ligado ao pai único, mantido numa individuação comprometida, explorada por aquele que deixa outro se individuar, desde que em dívida com ele. Sem redes, de um velho pescador que conta, na multiplicidade, os peixes presos. Quem não foi detido, o monstro, o perdido, o desviado, o *non sense*, o inocente, o sem-culpas, o sem-dúvidas; ela também se faz o passageiro do acaso aquele que é leve, anda só, e dança!

Uma professora, uma personagem na/da filosofia se torna o que é! Alguém que anda sempre por um fio, com a sensação de não estar atualizando nada, sai deste estado de apatia e desejar criar. Trágica mestra, fálca, irônica, risível, alguém que não quer superar uma experiência dilacerada, que se dá na suspensão de um tempo, trocando o dispersar por uma composição histórica numa crítica redentora ou quem sabe num discurso salvacionista, de velha ordem.

Sem superação, sem síntese, nenhum desfecho prévio. Quer exercer sua paixão pela filosofia e sem inventar modelo para operar, quer avaliar sempre o que faz em nome da filosofia, fazendo da filosofia um exercício vital que se regula na imanência de uma vida. Nietzscheana e deleziana sem camiseta, sem boné, sem carimbo ou monograma; sutil, sem mônada, sem monastério, sem motivo,

sem função. Motora, respirando entre frestas abertas, planando sobre uma seleção de teorias que aproximam forças e potências em que assinam uma filosofia-fluxo, no exercício de uma professora-rizoma que se mostra singular e múltipla!

Uma que se Individua buscando os rastros de quem não caiu na rede. “Compondo e juntando em um, o que é fragmento e enigma e medonho acaso” (NIETZSCHE, 1995, p. 93). Andarilha não busca o que perdeu, almeja a expressão tal da filosofia, que não a torne uma decifradora de enigmas. Atraído pelas teorias, não as faz necessárias, pois vital é o encontro entre teoria e vida e o acontecimento que as expressa. Há sempre uma costura nova que torna possível ativar o problemático nelas, sem retornar a velhos imbróglios remanescentes. Em alguns casos, quando se retoma o que não devia, insistências das falsas aparências, que insistem em dissimular-se o vivido na compreensão da teoria, é preciso levar o martelo à pedra, na qual dorme uma imagem que é preciso decompor. As ferramentas dos autores são suas teorias. Quem ousa pedi-las de empréstimo? Aquele que quer deformar ou reformar, informar o real por novas perspectivas? Individualizar nos anelos da criação seria dissolver-se, dissimular-se nesse meio filosófico, metamorfosear-se o tempo todo? Uma professora-rizoma entre as teorias e o vivido compartilha sua interpretação da filosofia, faz-se estado novo e remanescente, estado vivo de um conceito que vira personagem, ressonância entre dobras numa unidade que não para de se multiplicar!

Referências

- CUNHA, Cláudia Madruga. A professora-rizoma: TPM (Tensão Pré-Menstrual) e magia na sala de aula. **Educação e Realidade**. v. 27, n. 2. Jul/Dez, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas. Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **A dobra**: Leibniz e o barroco. 2ª Ed. Trad. Luiz. B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.
- _____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. **Deux régimes de fous**. Textes et entretiens. Paris: Minuit, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; _____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **A ilha deserta e outros textos**. Trad. Organizada por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NIETZSCHE, W. Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. 2ª Ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORLANDI, Luiz B. L. O indivíduo e sua implexa pré-individualidade. In: GUATTARI, NEGRI, LÉVY, *et al.* O Reencantamento do concreto. **Cadernos de Subjetividade**. PUC/SP. São Paulo: HUCITEC, 2003.

SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo. Trad. Ivana Medeiros. In: GUATTARI, NEGRI, LÉVY, *et al.* O Reencantamento do concreto. **Cadernos de Subjetividade**. PUC/SP. São Paulo: HUCITEC, 2003.

¹ M.Sc. em Filosofia pela PUCRS e Dra. em Educação UFRGS; Professora Adjunto da Universidade Federal do Paraná e Vice-coordenadora do Programa de Extensão PDE/UFPR.